

Tatiane Correia Batista

***PRINCIPAIS DISTÚRBIOS
COMPORTAMENTAIS EM CÃES***

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado à
Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da
Universidade “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de
Botucatu, SP, para obtenção do grau de médica veterinária

Preceptora: Prof. Ass. Dra Regina Kiomi Takahira

Botucatu

2009

Tatiane Correia Batista

***PRINCIPAIS DISTÚRBIOS
COMPORTAMENTAIS EM CÃES***

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado à
Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da
Universidade “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de
Botucatu, SP, para obtenção do grau de médica veterinária

Área de Concentração: Comportamento animal

Preceptora: Prof. Ass. Dra Regina Kiomi Takahira

Coordenador de Estágios: Prof. Ass. Dr Francisco José Teixeira Neto

Botucatu

2009

BATISTA, CORREIA TATIANE. *Principais distúrbios comportamentais em cães*. Botucatu, 2009. 20p. Trabalho de conclusão de curso de graduação (Medicina Veterinária, Área de Concentração: Comportamento Animal) – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Campus de Botucatu, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

RESUMO

Cada vez mais os cães fazem parte da vida familiar, mas nem sempre o relacionamento entre homem e cão é saudável. Muitos cães são abandonados e maltratados por apresentarem problemas comportamentais. Dentre os principais distúrbios comportamentais relatados em cães, citam-se a ansiedade de separação, transtorno compulsivo, agressividade e medo. Apesar da necessidade, existe uma escassez de profissionais especializados nesta área e uma dificuldade em encontrar artigos sobre o assunto. O presente trabalho descreve as maneiras de se avaliarem os problemas comportamentais e aborda de maneira objetiva alguns dos principais problemas comportamentais apresentados por cães, sua etiologia e seu tratamento.

Palavras chaves: comportamento, cães, distúrbio comportamental

BATISTA, CORREIA TATIANE. *Major behavioral disorders in dogs*. Botucatu, 2009. 20p. Trabalho de conclusão de curso de graduação (Medicina Veterinária, Área de Concentração: Comportamento Animal) – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Campus de Botucatu, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

ABSTRACT

Dogs are becoming more and more a part of family life, but the relationship between man and dog is not always healthy. Many dogs are abandoned and ill-treated due to their behavioral problems. Among the main behavioral disturbances reported in dogs, there are the separation anxiety, compulsive disorder, aggression and fear. Despite the necessity, there is a paucity of skilled professionals in this field and a difficulty in finding articles on the subject. This paper describes the ways to assess the behavioral problems and address in an objective way some of the major behavioral problems presented by dogs, its etiology and treatment.

Key words: behavior, dogs, behavioral disorder

SUMÁRIO

RESUMO.....	3
ABSTRACT.....	4
1. INTRODUÇÃO.....	6
2. REVISÃO DE LITERATURA	7
2.1. AVALIAÇÃO DOS PROBLEMAS COMPORTAMENTAIS	7
<u>2.1.1.História do caso</u>	7
<u>2.1.2.Exame físico</u>	8
<u>2.1.3 Diagnóstico</u>	8
<u>2.1.4 Prognóstico</u>	8
2.2 TRANSTORNO COMPULSIVO.....	9
<u>2.2.1.Anamnese</u>	10
<u>2.2.2 Diagnósticos diferenciais</u>	10
<u>2.2.3.Diagnóstico</u>	10
<u>2.2.4 Tratamento</u>	10
<u>2.2.5. Prognóstico</u>	11
2.3. ANSIEDADE DE SEPARAÇÃO	11
<u>2.3.1. Sinais clínicos</u>	12
<u>2.3.2. Diagnóstico</u>	13
<u>2.3.3 Tratamento</u>	13
<u>2.3.4. Prognóstico</u>	14
<u>2.3.5. Prevenção</u>	14
2.4. AGRESSÃO	14
<u>2.4.1. Anamnese</u>	15
<u>2.4.2. Diagnóstico</u>	15
<u>2.4.3. Tratamento</u>	16
<u>2.4.4. Prognóstico</u>	17
<u>2.4.5. Prevenção</u>	17
3.CONCLUSÃO	17
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	18

1. Introdução

O número de cães vem crescendo com o passar dos anos, e esses animais cada vez mais fazem parte da vida familiar, mas nem sempre o relacionamento entre homem e cão é saudável. Muitos cães são abandonados e maltratados por apresentarem problemas comportamentais. Dentre os principais distúrbios comportamentais relatados em cães, citam-se a ansiedade de separação, o transtorno compulsivo, agressividade e medo. Apesar da necessidade, existe uma escassez de profissionais especializados nesta área e uma dificuldade em encontrar artigos sobre o assunto.

O cão doméstico é descendente do lobo (*Canis lupus*) (VILA E LEONARD, 2007) e suas relações sociais são semelhantes às dos lobos (LINDSAY, 2000; FEDDERSEN-PETERSEN, 2007), portanto seu comportamento social é impulsionado pela motivação para reforçar posições hierárquicas. Deste modo é necessário que um integrante da família estabeleça dominância, exercendo o papel de líder. Isso evita que o cão assuma esse papel e os problemas comportamentais que poderiam aparecer juntamente com ele.

Segundo SFORZINI ET AL. (2009) a adequada socialização durante as primeiras semanas de vida é essencial para o bem estar durante toda a vida do cão. Por isso é importante expor o cachorro a uma vasta gama de ambientes e estímulos sociais (diferentes tipos de pessoas, animais, ruídos e situações) para evitar deficiências na socialização com seres humanos ou o desenvolvimento de problemas comportamentais como medo, fobias, agressividade e ansiedade. Cães que freqüentam locais de socialização têm oportunidades de inserção social e interação, facilitando o desenvolvimento de uma comunicação social com outros cães e assim diminuindo sua reatividade com cães desconhecidos (BLACKWELL ET AL. 2008). A idade ideal para adquirir um novo cão é de seis semanas, a fim de garantir satisfatória socialização e integração com o novo dono (MCCUNE ET AL., 1995; SEKSEL ET AL., 1999).

O desenvolvimento do comportamento do cão é influenciado por fatores genéticos (OVERALL ET AL., 2006) e fatores ambientais (APPLEBY ET AL., 2002), estudos demonstram alta herdabilidade de características comportamentais, de cerca de 60% (WILSSON AND SUNDGREN, 1997; WILSSON AND SUNDGREN, 1998). A interação entre mãe e filhote durante o desmame tem efeitos significativos sobre o comportamento dos mesmos (WILSSON, 1985) e as atitudes dos proprietários influenciam a ocorrência de comportamentos indesejáveis em seus cães. Cães que são treinados com o uso de recompensas apresentam menos problemas comportamentais que cães que são treinados com alguma forma de punição (HIBY ET AL., 2004) e cães resgatados são mais susceptíveis a ter problemas comportamentais (WELLS AND HEPPER, 2000).

O presente trabalho descreve a maneira como avaliar os problemas comportamentais e aborda de maneira objetiva alguns dos principais problemas comportamentais apresentados por cães, sua etiologia e seu tratamento.

2. Revisão de Literatura

2.1. Avaliação dos problemas comportamentais

Os sinais apresentados nos casos de problemas comportamentais fornecem uma grande informação. Também é importante considerar o sexo e a raça do animal. O nome do animal fornece uma pista para o problema mostrando o seu papel dentro da família, seja através de nomes carinhosos em cães considerados membros da família, nomes neutros ou pejorativos indicando uma relação negativa com o cão (BEAVER, 2001).

2.1.1. História do caso

O objetivo é obter uma descrição de todos os aspectos do problema, contendo informações sobre o animal, as pessoas envolvidas e o ambiente. Busca-se identificar o desenvolvimento do comportamento e suas conseqüências, pode-se perguntar como o animal foi adquirido e sua história de vida até o presente momento (BEAVER, 2001; DUNN, 2001).

Durante a anamnese devem ser respondidas quatro perguntas básicas: o que acontece exatamente, onde ocorre (fornece discernimento a respeito da causa), quando o problema começou e quando o problema ocorre. Também é necessário conhecer as tentativas realizadas pelo proprietário para resolver o problema e se já foi utilizada alguma terapia específica, evitando que esses métodos sejam repetidos (BEAVER, 2001; DUNN, 2001).

2.1.2. Exame físico

Deve ser feito um exame físico completo do animal, durante o exame observa-se a reação do cão ao interagir com outros cães, seres humanos e ambientes diferentes. Em alguns casos pode ser preciso realizar exames complementares (BEAVER, 2001).

2.1.3 Diagnóstico

Deve ser feita uma lista de diagnósticos diferenciados incluindo problemas médicos e comportamentais (BEAVER, 2001).

Os comportamentos podem ser classificados de acordo com a etiologia, descrição e função. Quanto à etiologia o comportamento pode ser classificado em normal (instintivo ou aprendido) ou anormal. No caso de ser anormal este é ainda subdividido em: fisiopatológico (hereditário ou adquirido), experiencial ou psicossomático. A classificação descritiva nomeia a atividade comportamental, como micção, mastigação destrutiva, escavação, latido excessivo, entre outras. A classificação funcional envolve a relação entre o animal, o comportamento e o ambiente, envolvendo uma relação de respostas a estímulos (BEAVER, 2001; DUNN, 2001).

2.1.4 Prognóstico

Antes de estabelecer um plano terapêutico e um prognóstico é importante saber o nível de comprometimento do proprietário com o animal e com a realização do tratamento. Os fatores que interferem no prognóstico são a etiologia, duração e tipo de problema e a resposta à terapia. A resposta a um plano terapêutico é influenciada pelo diagnóstico correto, variação individual entre cães e principalmente a obediência do proprietário ao tratamento e manejo propostos pelo veterinário (BEAVER, 2001; DUNN, 2001).

2.2 Transtorno compulsivo

É uma seqüência de movimentos geralmente derivados de comportamentos normais de manutenção, que ocorrem fora de contexto, de maneira repetitiva e exagerada, que não servem a nenhum propósito aparente (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

Acredita-se que ele surge como resposta comportamental ao confinamento ou a outras condições ambientais vagas (estresse, ansiedade, frustração). Com o passar do tempo ele pode se tornar fixo e independente do ambiente. O comportamento compulsivo pode reforçar a si mesmo pela liberação de opióides endógenos no Sistema Nervoso Central e também pode ser reforçado se o animal receber atenção (negativa ou positiva) do proprietário durante a manifestação do comportamento compulsivo (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

A idade média para o surgimento do problema é de doze meses, acometendo um número maior de machos. Pode ocorrer predisposição racial como rodopiar/perseguir a cauda (Bull terriers, pastores-alemães), sugar o flanco (Dobermans), ficar checando o traseiro (Schanuzers miniaturas), ficar olhando sombras (Border collies) entre outros (HORWITZ E NEILSON, 2008).

O comportamento compulsivo pode ser organizado em cinco grupos diferentes, conforme sua manifestação. O grupo de locomoção envolve rodopiar, perseguir a cauda, andar de um lado para outro, ficar estático, pular no mesmo lugar, inclinação/tremor/agitação da cabeça e encrespamento cutâneo. O grupo oral abrange lambe-se, morde-se, lambe o ar ou o focinho, sugar o flanco, abocanhar moscas, polifagia, polidipsia, alopecia psicogênica, apetite depravado e morder/lamber objetos. O grupo de vocalização envolve latir repetidamente, choramingar e uivar. O grupo alucinatorio envolve perseguir sombras/luzes, assustar-se, abocanhar moscas e lambe o ar. E o grupo agressivo abrange agressão auto-dirigida, como rosnar para a cauda e mordê-la, e comportamento agressivo dirigido a objetos inanimados (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

2.2.1. Anamnese

São importantes as informações sobre o histórico do animal (temperamento, manejo); histórico da família e sua relação com o animal; quando/como o problema começou, qual sua progressão, sua frequência e se existem outros problemas comportamentais simultâneos (TELHADO ET AL., 2004; HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

2.2.2 Diagnósticos diferenciais

Deve-se diferenciar o distúrbio compulsivo de problemas médicos e outros problemas comportamentais que possam estar causando os sinais clínicos. Entre eles a resposta comportamental normal durante uma situação aguda de conflito, comportamento de busca de atenção, convulsões, lesões centrais cerebrais, neuropatias sensoriais, doenças infecciosas, doenças metabólicas, exposição a substâncias tóxicas, doença dermatológica, traumatismo e doença degenerativa (TELHADO ET AL., 2004; HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

2.2.3. Diagnóstico

É realizado pela exclusão das possíveis causas dos sinais clínicos através de exames físico, neurológico e complementar. Pode ser realizada a análise de uma filmagem do comportamento (TELHADO ET AL., 2004; HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

2.2.4 Tratamento

A terapêutica consiste em ensinar o paciente a relaxar em uma variedade de disposições ambientais e substituir o comportamento estereotipado por outro calmo e competitivo. Pode-se aumentar a estimulação e atividade física do cão (brincadeiras, exercícios e treinamento), proporcionar brinquedos e atividades de exploração para manter o animal ocupado quando o dono está ausente ou quando ele não está dormindo (TELHADO ET AL., 2004; HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

Se possível, identificar e remover as fontes de estresse e frustração. Se os deflagradores do comportamento não puderem ser removidos, dessensibilize o animal a eles. Realizar treinamento de obediência baseado em reforço positivo,

instruir o proprietário para só recompensar o animal quando este não estiver envolvido no comportamento e estiver relaxado. Quando o cão demonstrar intenção de realizar o comportamento compulsivo dar ao animal uma tarefa alternativa e recompensar o comportamento desejado (TELHADO ET AL., 2004; HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

O uso de fármacos pode ser associado com as técnicas comportamentais e ambientais. O efeito do fármaco não é imediato, pode levar de três a seis semanas para ser observado e sua redução tem que ser de maneira gradual. Os fármacos mais utilizados são antidepressivos tricíclicos (clomipramida) e inibidores seletivos da recaptação de serotonina (fluoxetina) (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

2.2.5. Prognóstico

A expectativa é de um controle do transtorno compulsivo e não de cura. Pode levar várias semanas para ser observada melhora. Se nenhuma melhora for observada em quatro semanas, o diagnóstico, plano de tratamento e colaboração do proprietário devem ser reavaliados. Pode ocorrer recaída se estresse, conflito ou frustração forem reintroduzidos no ambiente (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

2.3. Ansiedade de separação

É uma resposta de mal estar que os cães podem apresentar quando estão separados da pessoa a quem são apegados, geralmente ocorre quando o proprietário não está em casa, mas pode ocorrer quando ele está em casa e o cão não tem acesso à pessoa. O mal estar gerado pode causar episódios de destruição, vocalização e excreção (APPLEBY E PLUIJMAKERS, 2003; HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005; BEAVER, 2001).

No período de socialização fica estabelecido o tipo de relação que o animal terá com o proprietário, porém quando o animal fica muito dependente do proprietário ele pode desenvolver alterações comportamentais relacionadas à separação (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005; BEAVER, 2001).

Não existe predileção por raça ou sexo, em qualquer idade o animal pode exibir o problema. Cães recolhidos de rua ou de canis de adoção têm maior predisposição a apresentar ansiedade de separação (RIVA ET AL., 2008). Os cães com predisposição para o problema são ansiosos, agitados, super ativos, seguem o proprietário por todo lado, pulam em cima dele e correm sem parar (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005; BEAVER, 2001).

O início do problema coincide com as alterações na quantidade de tempo que o proprietário passa com o animal. O estresse ambiental também pode contribuir para o problema. Alguns dos iniciadores da ansiedade de separação são: alteração na rotina do proprietário, mudança para uma nova casa, visita a um novo ambiente, estadia em canil, alterações nos relacionamentos sociais (novo bebê, novo animal de estimação) e problemas cognitivos ou médicos (MCGREVY E MASTER, 2008; HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

Como a maioria dos cães fica próximo do normal quando o proprietário está em casa os comportamentos destrutivos são descritos com sendo por “maldade” ou “vingança”. Isso se deve porque os objetos danificados geralmente são itens pessoais do proprietário, porém esses objetos trazem o cheiro dele, o contato com esses itens pode servir para o cão se lembrar do proprietário ausente, gerando ansiedade e o comportamento destrutivo (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005; BEAVER, 2001).

2.3.1. Sinais clínicos

Os sinais apresentados incluem destruição dirigida a casa (itens com odor do proprietário, pontos de saída da casa), traumatismo auto-infringido, tentativas de fuga, vocalização excessiva, excreção inapropriada, atividade motora repetitiva, hipersalivação, ofegar, anorexia, retração/inatividade, comportamento excessivo de seguir o proprietário, sinais de mal estar quando a figura de apego se prepara para sair e comportamento de saudação excessivo no retorno da figura de apego (APPLEBY E PLUIJMAKERS, 2003; HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005; BEAVER, 2001).

2.3.2. Diagnóstico

É preciso realizar uma anamnese cuidadosa, recolhendo a história comportamental, foco do comportamento e o contexto em que ocorre, caracterizar o ambiente social, físico e a rotina diária do animal, caracterizar a rotina dos habitantes da casa e a interação com o animal. É necessário um exame físico completo, exame neurológico e exames complementares para descartar problemas médicos (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

Se possível, a filmagem do cão após a saída do proprietário ajuda a determinar a extensão do problema e descartar outras causas para os mesmos sinais (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005; BEAVER, 2001).

2.3.3 Tratamento

É feito o treino de independência, não dando atenção ao animal quando ele pede. O dono deve iniciar e terminar as sessões de atenção e reduzindo o comportamento de seguir o proprietário (fechando portas, deixando o animal na guia). Dissociar os sinais de partida (tilintar de chaves, pegar um casaco, aplicar maquiagem) apresentando os sinais pré partida sem partir, repetindo de duas a quatro vezes ao dia até que o animal não reaja aos sinais com comportamentos ansiosos. Remover partidas ou saudações emocionais, ignorando o animal por cinco a quinze minutos antes da saída e após retornar, só dando atenção ao animal quando ele estiver calmo e quieto (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005; BEAVER, 2001).

Fazer o processo de dessensibilização sistemática, expondo gradualmente o animal à separação da figura de apego, realizando partidas de treinamento. A duração da partida deve ser curta, a pessoa deve retornar sem nenhuma emoção, e o tempo de cada partida é gradualmente aumentado. Realizar contra-condicionamento à partida, dando um petisco ou brinquedo no momento da partida. Pode-se deixar a televisão ou rádio ligados (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005; BEAVER, 2001).

A intervenção com fármacos pode auxiliar em casos graves. Como os níveis plasmáticos de dopamina e serotonina são mais elevados em cães ansiosos

(RIVA ET AL., 2008), podem ser usados antidepressivos e ansiolíticos como, clomipramida, fluoxetina, paroxetina, amitriptilina e benzodiazepínicos (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005; BEAVER, 2001). Segundo BEATA ET AL., 2007 o uso de alpha-casozepina também apresenta eficácia no tratamento da ansiedade de separação.

2.3.4. Prognóstico

O problema pode levar de semanas a meses para ser resolvido, dependendo da gravidade e da duração. O uso de fármacos pode acelerar a melhora e outros problemas comportamentais concomitantes podem tornar mais difícil a resolução (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005; BEAVER, 2001).

2.3.5. Prevenção

Preparar gradualmente o cão para mudanças que possam ocorrer na sua rotina. Acostumar o cão a ficar sozinho, evitar que ele siga o proprietário constantemente, evitar estimular ou reforçar comportamento de brincar com objetos que não sejam os brinquedos do animal. Para ter uma partida de sucesso, exercitar o cão antes da sua saída e deixar o animal em um ambiente confortável e seguro (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

2.4. Agressão

É uma ameaça ou ação lesiva dirigida a alguém. É o problema mais perigoso a ser enfrentado por membros da família, pois estes podem estar em risco (REISNER, 2003). A agressão é o problema comportamental mais associado com abandono de cães e representa uma ameaça pública (FATJO ET AL., 2007).

A agressão envolve vários comportamentos, desde posturas corporais sutis e expressões faciais até ataques explosivos. Nem sempre é uma condição patológica, pois ela pode ser uma forma de comunicação normal entre cães. A agressão é influenciada pela genética e pela experiência do animal (NETTO E PLANTA, 1997; HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

Qualquer raça, sexo ou idade pode manifestar agressão. Algumas raças podem ser predispostas a algum tipo de agressão. Como exemplo, cães de guarda são predispostos a agressão territorial e cães de caça são predispostos a agressão predatória. Alguns fatores podem contribuir para a ocorrência da agressão, entre

eles socialização inadequada, experiência negativa, acorrentamento do animal, não castração do animal, encorajamento ou treinamento do animal para agressão, condição que cause dor/desconforto, condição que afete a função neurológica e comportamento do proprietário (RAGATZ ET AL., 2009; HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

2.4.1. Anamnese

A anamnese deve envolver questões relacionadas às oportunidades de agressão e sobre a agressão em si, pois isto irá ajudar a estabelecer o risco de manter o cão em casa (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

Devem ser feitas perguntas sobre a estrutura do lar (pessoas e outros animais), qual a rotina do animal, qual a rotina do lar, como o cão é controlado dentro de casa e ao sair de casa, quais são as expectativas do proprietário em relação ao cão, como foram os incidentes de agressão (alvo, previsibilidade, intensidade, comportamento pré-agressão, durante a agressão e pós-agressão) e qual a resposta do proprietário quando o cão manifesta a agressão (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

2.4.2. Diagnóstico

Realizar um exame físico e neurológico completo e exames complementares para descartar outras causas de agressão como, anormalidades do desenvolvimento, distúrbios metabólicos, neuroendocrinopatias, doenças inflamatórias, dor, entre outros (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

Um histórico comportamental completo e a observação do cão durante uma exibição de agressão típica (de forma direta ou através de vídeos) auxiliam no diagnóstico (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

Ao chegar-se em um diagnóstico comportamental é importante diferenciar o tipo de agressão que está ocorrendo. Para isso é preciso avaliar as características e o comportamento do agressor, características do alvo e as condições em que a agressão ocorre. Os tipos de agressão que podem ocorrer são: agressão por dominância, agressão relacionada a conflito, agressão possessiva, agressão por

medo, agressão territorial, agressão predatória, agressão por dor, agressão por brincadeira, agressão maternal, agressão redirecionada, agressão idiopática, agressão aprendida e agressão intra-específica (entre cães) (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

O cão pode exibir a agressão por dominância quando ele percebe que está sendo desafiado ou perdendo o controle de uma situação para um subordinado, seja ele outro cão ou ser humano. Esse tipo de agressão é mais comum em machos e em cães de raça pura. A agressão por medo é provocada por um estímulo que parece ameaçador para o cão, como por exemplo, o cão pode estar sendo abordado por outro cão ou pessoa que represente uma ameaça para ele (FATJO ET AL., 2007; OTT ET AL., 2008; HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005). A agressão territorial é direcionada a uma pessoa ou animal que não pertence ao grupo do cão, e ela ocorre quando a pessoa ou animal se aproxima de membros da família ou do território do cão. A agressão materna ocorre quando pessoas ou animais se aproximam da cadela com seus filhotes, também pode ocorrer em cadelas com pseudociese. Na agressão redirecionada o comportamento agressivo é direcionado a algo que não era o estímulo primário da agressão. Uma das situações em que a agressão pode ocorrer é quando pessoas tentam separar brigas entre cães e acabam se tornando vítimas (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

2.4.3. Tratamento

O tratamento deve levar em consideração o tipo de agressão, temperamento do animal e a competência dos indivíduos para controlar o animal. Em todos os casos de agressão a segurança dos membros da família deve ser a principal preocupação. O cão agressivo não deve ser punido, pois isso aumenta seu medo e ansiedade podendo aumentar os riscos para os membros da família (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

O tratamento de agressão envolve educação da família, intervenção no ambiente (remover estímulos que provoquem agressão, remover alvos) e modificação do animal (modificação comportamental, cirurgia, fármacos, eutanásia) (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

A modificação comportamental é realizada através de controle físico do animal usando barreiras (portões, cercas), focinheiras, guias e coleiras. Evitar o uso de punição, instituir uma relação de comando/recompensa (o cão deve se submeter ao dono através da obediência antes de receber algo, como comida e atenção). Realizar um programa de dessensibilização e contra condicionamento aos fatores desencadeantes da agressão (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

Pode ser feito o uso de fármacos especialmente quando o histórico do cão também inclui ansiedade. A castração de machos agressivos pode auxiliar na redução da agressão. A eutanásia deve ser considerada em casos onde o animal é muito perigoso (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

2.4.4. Prognóstico

O cão não será curado, pois a possibilidade de agressão será apenas minimizada. A redução da agressividade ocorrerá de maneira gradual e o proprietário deverá manter certo nível de controle para prevenir riscos de ferimentos (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

2.4.5. Prevenção

Escolher raças com temperamento estável, realizar uma socialização adequada, evitar experiências traumáticas e evitar promover e reforçar comportamentos agressivos (HORWITZ E NEILSON, 2008; LANDSBERG ET AL., 2005).

3.Conclusão

Os cães são criaturas sensíveis que reagem de acordo com o meio ambiente e partilham as emoções dos que vivem ao seu redor, portanto devemos cuidar da sua saúde e do bem estar físico e emocional. Para isso é importante conhecer, saber solucionar e prevenir os problemas comportamentais apresentados pelos cães. Este trabalho contribui para o conhecimento de alguns dos principais distúrbios existentes em cães e pretende incentivar mais profissionais a se especializarem nesta área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPLEBY, D.; BRADSHAW, J. W. S.; CASEY, R. A. Relationship between aggressive and avoidance behavior by dogs and their experience in the first six months of life. **Vet. Rec.** v. 150, p. 434 – 438, 2002.

APPLEBY, D.; PLUIJMAKERS, J. Separation anxiety in dogs. The function of homeostasis in its development and treatment. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice.** v. 33, p. 321 – 344, 2003.

BEATA, C.; GRAFF, E. B.; DIAZ, C.; MARION, M.; MASSAL, N.; MARLOIS, N.; MULLER, G.; LEFRANC, C. Effects of alpha-casozepine (Zylkene) versus selegiline hydrochloride (Selgian, Anipryl) on anxiety disorders in dogs. **Journal of Veterinary Behavior**, v.2, p. 175–183, 2007.

BEAVER, B.V. **Comportamento Canino, um Guia para Veterinários.** Roca, 2001, p. 15-40, 229-233, 319-320, 384-386, 409-416.

BLACKWELL, E. J.; BRADSHAW, J. W. S.; CASEY, R. A.; BROWNE, W. J. Dominance in domestic dogs- useful construct or bad habit? **Journal of Veterinary Behavior**, v. 4, p.135-144, 2009.

BLACKWELL, E. J.; TWELLS, C.; SEAWRIGHT, A.; CASEY, R. A. . The relationship between training methods and the occurrence of behavior problems, as reported by owners, in a population of domestic dogs. **Journal of Veterinary Behavior.** v. 3, p. 207-217, 2008.

BLANC, P. R. **Larousse dos Cães: Comportamento, Cuidados, Raças.** Larousse do Brasil, 2005, p. 54-84.

DEHASSE, J.; BUYSER, C. **Comportamento e Educação do Cão.** Varela, 1995, p. 71-81.

DUNN, J. K. **Tratado de Medicina de Pequenos Animais.** Roca, 2001, p.1023-1035.

FATJO, J.; AMAT, M.; MARIOTTI, V. M.; TORRE, J. L. R.; MANTECA, X. Analysis of 1040 cases of canine aggression in a referral practice in Spain. **Journal of Veterinary Behavior**, v. 2, p.158-165, 2007.

FEDDERSEN- PETERSEN, D. U. Social behaviour of dogs and related canids. In: JENSEN, P. (Ed.), **The Behavioural Biology of Dogs.** CAB International, Wallingford, UK, 2007, p. 105-119.

HERRON, M. E.; SHOFER, F. S.; REISNER, I. R. Survey of the use and outcome of confrontational and non-confrontational training methods in client-

owned dogs showing undesired behaviors. **Applied Animal Behaviour Science**, v.117, p.47–54, 2009.

HIBY, E. F.; ROONEY, N. J.; BRADSHAW, J. W. S. Dog training methods: their use, effectiveness and interaction with behavior and welfare. **Anim. Welf.** v. 13, p. 63 – 69, 2004.

HORWITZ, D. F.; NEILSON, J. C. **Comportamento Canino & Felino**. Ed. Artmed, 2008, p.34-140, 234-246, 562-571.

LANDSBERG, G.; HUNSTHAUSAN, W.; ACKERMAN, L. **Problemas Comportamentais do Cão e do Gato**. 2. ed. Roca, 2005, p.13-21, 175-195, 233-241, 353-389.

LINDSAY, S.R. **Handbook of dog Behavior and Training**. Ames, Iowa State University Press, 2000, p. 376.

MCCUNE, S.; MCPHERSON, J. A.; BRADSHAW, J. W. S. The Importance of Socialisation. **The Waltham Book of Human-Animal Interaction**. Pergamon Press, 1995, p. 71 – 86.

MCGREEVY, P. D.; MASTERS, A. M. Risk factors for separation-related distress and feed-related aggression in dogs: Additional findings from a survey of Australian dog owners. **Applied Animal Behavior Science**, v. 109, p.320–328, 2008.

NETTO, W. J.; PLANTA, D. J. U. Behavioural testing for aggression in the domestic dog. **Applied Animal Behaviour Science**. v. 52, p. 243- 263, 1997.

OTT, S. A.; SCHALKE, E.; GAERTNER, A. M.; HACKBARTH, H. Is there a difference? Comparison of golden retrievers and dogs affected by breed-specific legislation regarding aggressive behavior. **Journal of Veterinary Behavior**. v.3, p.134-140, 2008.

OVERALL, K. L.; HAMILTON, S. P.; CHANG, M. L. Understanding the genetic basis of canine anxiety: phenotyping dogs for behavioral, neurochemical and genetic assessment. **Journal Veterinary Behavior Clinical Applied**. v. 1, p. 124 – 141, 2006.

RAGATZ, L.; FREMOUW, W.; THOMAS, T.; MCCOY, K. Vicious Dogs: The Antisocial Behaviors and Psychological Characteristics of Owners. **Journal of Forensic Sciences**. v.54, n. 3, p. 699-703, 2009.

REISNER, R. I. Differential diagnosis and management of human directed aggression in dogs. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**. v. 33, p. 303 – 320, 2003.

RIVA, J.; BONDIOLOTTI, G.; MICHELAZZI, M.; VERGA, M.; CARENZI, C. Anxiety related behavioural disorders and neurotransmitters in dogs. **Applied Animal Behaviour Science**. v.114, p.168–181, 2008.

ROSSI, A. **Adestramento Inteligente: com amor, humor e bom senso**. 17. ed. CMS, 2008, 255 p.

SEKSEL, K; MAZURSKI, E.J; TAYLOR, A. Puppy socialisation programmes: short and long term behavioural effects. **Applied Animal Behaviour Science**. v. 62, p. 335 – 349, 1999.

SFORZINI, E.; MICHELAZZI, M.; SPADA, E.; RICCI, C.; CARENZI, C.; MILANI, S.; LUZI, F.; VERGA, M. Evaluation of young and adult dogs' reactivity. **Journal of Veterinary Behavior**. v. 4, p.3-10, 2009.

SULLIVAN, E. N.; JONES, B. R.; SULLIVAN, K.; HANLON, A. J. The management and behavioural history of 100 dogs reported for biting person. **Applied Animal Behaviour Science**. v.114, p.149–158, 2008.

TELHADO, J.; DIELE, C. A.; SOUZA, M. A. F.; MAGALHÃES, L. M. V.; CAMPOS, F. L. Dois casos de transtorno compulsivo em cão. **Revista da FZVA**. Uruguaiana, v.11, n.1, p. 146-152, 2004.

VILA, C.; LEONARD, J.A., Origin of dog breed diversity. In: JENSEN, P. (Ed.) **The Behavioural Biology of Dogs**. CAB International, Wallingford, UK, 2007, p. 38 – 58.

WELLS, D. L.; HEPPEL, P. G. Prevalence of behavior problems reported by owners of dogs purchased from an animal rescue shelter. **Applied Animal Behaviour Science**. v. 69, p. 55 – 65, 2000.

WILSSON, E. The social interaction between mother and offspring during weaning in German Shepherd dogs: individual differences between mothers and their effects on offspring. **Appl. Anim. Ethol**. v.10, p. 101-112, 1985.

WILSSON, E.; SUNDGREN, P. The use of a behavior test for selection of dogs for service and breeding. II: Heritability for tested parameters and effects of selection based on service dog characteristics. **Applied Animal Behaviour Science**. v.54, p.235-241, 1997.

WILSSON, E.; SUNDGEN, P. E. Behaviour test for eighth week old puppies heritabilities of tested behaviour traits and its correspondence to later behaviour. **Applied Animal Behaviour Science**. v. 58, p. 151 – 162, 1998.